



Muitas lições em 2016

Do ponto de vista dos interesses de classe dos trabalhadores, 2016 foi desastroso, por marcar o agravamento de um processo de retrocesso político, econômico e social, inclusive com ameaças institucionais. O neoliberalismo ganha força e põe em risco importantes conquistas e direitos alcançados com a democracia social que o Brasil experimentou nos últimos anos.

Mas, de maneira alguma pode ser considerado um ano a ser esqueci-

do. Muito pelo contrário, deve ficar na lembrança de todos que sonham e trabalham por um Brasil mais justo, fraternal e livre, para que os erros de 2016 não se repitam.

Está evidente ser impossível construir um Brasil melhor através de arranjos com a classe dominante, preocupando-se primeiramente com as urnas. É fundamental priorizar uma ampla aliança com as forças populares, para retomar o caminho do desenvolvimento com justiça social.

Defesa do patrimônio público

A defesa das empresas estatais, que se efetivou nos eventos "Se é público, é para todos", realizado pelo Movimento Sindical em todo o país, permanece como bandeira de luta das entidades em 2017.

A intenção do governo neoliberal se materializa em propostas que vi-

sam entregar o patrimônio público ao grande capital, a exemplo do projeto que entrega o pré-sal às multinacionais e as reestruturações no Banco do Brasil e na Caixa Federal. Uma tentativa de desmonte e sucateamento para posterior privatização.

Santander veste a camisa de Temer

O Movimento Sindical alerta há algum tempo e as evidências comprovam que o governo Temer e o sistema financeiro estão de mãos dadas para prejudicar a população. O presidente do Santander, Sérgio Rial, fez declarações elogiando as decisões nefastas do presidente.

É claro que tudo isso tem o aval da grande mídia, que realizou a entrevista com Rial. Na conversa, o gestor do banco espanhol defendeu a atuação de Temer, a PEC 55 e a reforma da Previdência, que propõe, entre outros abusos, idade mínima de 65 anos para homens e mulheres e 49 anos de contribuição.

Para completar, Sérgio Rial ainda critica políticas sociais como o Fies (Fundo de Financiamento do Estudante de Ensino Superior) e o crédito rural e sugere o fim dos bancos públicos no país. "O Estado tem de se olhar e se desafiar, ver se empresas de água têm que ser controladas pelo Estado. Se bancos ainda precisam ser controlados pelos Estados".

Bem se vê que o presidente não se preocupa nem um pouco com o povo brasileiro e com os funcionários nas agências. Os bancários, inclusive, não foram citados em nenhum momento pelo banqueiro.

2017 - Ano de ampliar a resistência

O ano de 2016 foi difícil, mas é possível fazer diferente e 2017 tem de ser marcado pela reação das forças progressistas. É preciso chamar atenção do povo para o projeto neoliberal colocado em prática pelas elites brasileiras, pelas mãos do presidente sem voto Michel Temer.

Um Feliz e abençoado 2017 a todos e a todas!!!

CA Caixa: Segundo turno será de 16 a 20/01

Sindicato e Contraf-CUT apoiam a Chapa 1, com Rita Serrano e Oreny Francisco. As eleições para representante dos empregados no Conselho de Administração da Caixa serão realizadas em segundo turno no próximo mês de janeiro. O pleito será disputado pelas chapas 1 e 25, que receberam respectivamente 6120 e 6718 votos. Participaram 27947 eleitores. A chapa 1 é composta por Rita Serrano (titular) e Oreny Francisco e tem o apoio das entidades associativas e sindicais mais representativas no País.

Bradesco condenado em R\$ 1 milhão por abuso

Pelas práticas vergonhosas de abuso contra o trabalhador, o Bradesco terá de pagar R\$ 1 milhão. A decisão foi tomada pela 7ª Vara do Trabalho de Natal (RN). A empresa submetia os funcionários a situações vexatórias de xingamentos, cobranças fora do expediente, exigência de metas durante greves, ameaças de demissão e coações contra gestantes. Uma bancária chegou a sofrer humilhações praticadas por uma gerente que, aos gritos, chamava a funcionária de incompetente e improdutiva.

Cuidado com o falso discurso da despolitização

Nos bastidores do poder, a novidade é o plano B das elites golpistas, para não perder a quinta eleição presidencial consecutiva. O nome alternativo que eles buscam para fabricar como salvador da pátria pode sair do meio artístico, empresarial, esportivo, ou de qualquer outro que não seja da esfera política, atualmente com elevado descrédito perante a população. Seria a melhor pedida, pois poderiam massificar o velho discurso da despolitização, de que político não presta, e "vendê-lo" ao eleitorado como um candidato "novo", "sem vícios", "eficiente", capaz de "recolocar o Brasil nos trilhos".